

43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
21 A 25 DE OUTUBRO DE 2019
CAXAMBU – MG

ST41 Teoria social hoje: desafios, tendências e perspectivas

**A possibilidade do conhecimento sociológico: Norbert Elias e a constituição
processual das ciências sociais**

Daniel Costa Farias

Introdução

Esse texto tem como principal objetivo analisar a influência dos processos históricos de produção de conhecimento científico na constituição das ciências sociais, segundo a sociologia de Norbert Elias.

O conhecimento é um processo social e histórico de acúmulo de atividades e experiências vividas pelas pessoas durante o tempo. Nós agimos, sentimos e pensamos a partir desse processo variável e de longa duração. Eis a tese da sociologia do conhecimento de Norbert Elias.

Tema constante de seus últimos estudos, dos anos de 1960 até sua morte, a presença dessa problemática não indica a elaboração de um conceito fechado de conhecimento ou ciência, mas exatamente o contrário. O que Elias pretende é abrir o debate, se colocando em uma perspectiva global que, em muitos momentos, utiliza o auxílio de outros saberes para formular sua proposta.

A sociologia de Elias ficou mais famosa devido ao livro *O processo civilizador*. Entretanto, o sociólogo alemão escreveu muitos textos acerca da sociologia enquanto método e possibilidade de conhecimento. Para o autor, ainda existe muita confusão sobre o que realmente faz um cientista social, quais métodos aplica, as teorias que lê e desenvolve, sem contar na forma como se porta enquanto pesquisador etc.

As ciências sociais não existem desde sempre, nasceram em um momento muito propício e ainda se desenvolvem mediante um processo histórico que depende de conexões de indivíduos em suas relações de poder e produção de conhecimento. Elias sempre apontou esse fato.

Mas vale salientar que Elias pega um caminho muito distinto das abordagens filosóficas e sociológicas sobre o conhecimento. O sociólogo alemão sugere uma abordagem muito diversa de autores como Popper (1959), Mannheim (1972), Canguilhem (1981), Kant (1990), Bachelard (1996) e Nietzsche (2017). Também pensa diferente de propostas como a *arqueologia do saber* de Foucault (2009) a filosofia da ciência de Kuhn (1962), como também de Latour (1987) e Bourdieu (2004). A contribuição de Elias é outra e sugere mais uma perspectiva para compreender o fenômeno do conhecimento.

Assim, nossa escolha por estudar Elias se deve a três motivos. Primeiramente dado o lugar que ele ocupa nas ciências humanas. Sua teoria é fundamental para oferecer mais uma compreensão de vários fenômenos sociais. Em segundo lugar pelo fato do autor ser

aquele que oferece análises que buscam integrar vários saberes em conjunto para compreender aspectos figuracionais e processuais do conhecimento. E por último, por acreditarmos que Elias se interessa bastante pelo tema do conhecimento, principalmente no entendimento da constituição das ciências sociais.

Este artigo se compõe de três partes. Na primeira, analisaremos o conceito de Processo e Configuração em Elias, partindo de seus principais escritos, localizando o contexto em que o autor escreve bem como suas principais ideias. Na segunda etapa, verificaremos como o autor entende a constituição das ciências sociais, tendo como base os seus escritos sobre a sociologia do conhecimento. Por último, mostraremos a relação entre os processos históricos de produção de conhecimento e a constituição das ciências sociais, segundo Elias.

Processo e configuração: as direções das formas de conhecimento

Norbert Elias desenvolveu uma abordagem sociológica dos processos sociais voltada para a compreensão da formação e transformação das maneiras como os indivíduos convivem juntos em redes de interdependência. Essa abordagem também está interessada em compreender as alterações estruturais nas sociedades ocorridas ao longo de séculos e para a construção de um campo de conhecimento sociológico interdisciplinar que considere não apenas o saber sociológico, mas uma gama de outros saberes conectados a fim de entender melhor a realidade dos fenômenos a que pretende estudar (KILMINSTER, 2007).

Segundo Ledent (2009), a abordagem de Elias foca primeiramente na mudança intermitente de modelos sociais de relacionamento, na transformação e mudança de padrões de sentimentos e emoções, na sucessão de eventos ao longo da história que concebem novas estruturas sociais e de personalidade. Elias observou que as complexas mudanças sociais, sempre em movimento, formam processos cujas direções específicas, jamais previamente determinadas, seguem um fluxo e apresentam regularidades passíveis de observação sociológica. Para o autor os processos são cegos, mas com direções determinadas pelo tipo de relação que se estabelece entre indivíduos. São consequências imprevisíveis de ações conscientes e inconscientes dos indivíduos vivendo em sociedade (ELIAS, 1990).

Salientamos: a sociologia figuracional e processual de Elias oferece modelos de análise que devem levar em conta a multiplicidade das relações humanas, das inúmeras diferenças históricas e sociais. Não existe no autor uma proposta teórica que ofereça modelos estáticos, válidos para qualquer aplicação e explicação.

Corriqueiramente, encontramos uma polarização estrutural do próprio campo de conhecimento sociológico. Dicotomias como indivíduo/sociedade, agência/estrutura, universal/particular são características do próprio desenvolvimento da sociologia como disciplina. Elias apresenta, por sua vez, uma proposta que visa ultrapassar as dicotomias de muitas das correntes sociológicas. Pois compreende o objeto de estudo como parte de um processo de longa duração, sobre o qual intervêm as mais diferentes figurações sociais (DUNNING & HUGHES, 2013).

Mas isso não significa que o autor invalide as teorias que utilizam essas dicotomias. Porém aponta os limites em que esses conceitos tropeçam para então lançar as bases de sua compreensão sociológica sobre esta relação. Desse modo, um passo decisivo na direção de uma superação da dicotomia indivíduo/sociedade, explica Heinich (2001), seria uma visão processual que situe o objeto no interior de uma longa trajetória a ser pensada.

O estudo processual de Elias sugere uma análise histórica de uma determinada configuração social. Mas a pesquisa processual não segue um caminho linear, preferindo expandir-se como uma teia e explicar as redes de interdependência que ligam várias pessoas (QUINTANEIRO, 2010). Esse tipo de estudo olha o passado em termos de fases, estágios impessoais. Com isso, Elias propõe o conceito de *Processo* que oferece uma visão mais detalhada dos estágios ou fases históricas, pois refere-se às sequências de mudanças de algo passa de um momento a outro.

O termo processo significa movimento, fluidez contínua e imanente. Para Elias, esse conceito refere-se às vastas mudanças de longa duração de figurações formadas por pessoas ou seus aspectos.

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figurações formadas por seres humanos ou seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos. Eles independem do fato de o respectivo observador os considerar bons ou ruins. Exemplos disso são: a diferenciação crescente e decrescente de funções sociais, o aumento ou a diminuição do capital social ou do patrimônio social do saber, do nível de controle humano sobre a natureza não-humana ou da compaixão por outros homens, pertençam eles ao grupo que for. Logo, é inerente às

peculiaridades dos processos sociais que eles sejam bipolares. Diferentemente do processo biológico de evolução, os processos sociais são reversíveis. Surtos em uma direção podem dar lugar a surtos contrários e ambos podem ocorrer simultaneamente (ELIAS, 2006, p.27-28).

Os processos sociais são desenvolvimentos que não seguem uma direção típica de um olhar metafísico. Como são produtos da relação de interdependência entre pessoas, os processos podem seguir direções inesperadas. Mas mesmo tendo muitas vezes uma ação orientada (por exemplo: política) as consequências se vistas por um período de longo prazo podem diferenciar completamente das ações previamente estabelecidas e sugeridas. Não se pode prever com uma exatidão matemática os fenômenos sociais, mas observar suas direções, estruturas e desenvolvimentos que podem ou não serem esperados (JOLY, 2012).

Sobre esse ponto, podemos citar como exemplo os estudos de Elias (1993) sobre as sociedades de corte na França do século dezesseis. Tal análise do sociólogo alemão mostra que as atitudes da corte e da nobreza visavam unicamente à manutenção de seu status. Desse modo, foi possível aos nobres da corte manter, não apenas sua posição, mas uma complexa estrutura social. Mas ao observarmos esse processo de longo prazo da corte para manter seu status, contribuiu ao mesmo tempo para sua decadência enquanto grupo dominante.

As ações de indivíduos interdependentes na época da corte francesa, tomadas com o objetivo de conservar ou superar a posição social, acarretaram a uma situação que estava além da capacidade daqueles indivíduos. A estrutura social que se formou na corte foi um produto das relações de pessoas e encontrava sua sustentação nas ações dessas mesmas pessoas.

A sociedade de corte foi analisada por Elias a partir de seus processos e configurações. Esses dois conceitos aparecem no autor de maneira que, para entender uma formação social específica, é necessário perceber que não existe um planejamento de um ou mais indivíduos isolados, pois essa formação teve seu desenvolvimento ao longo dos anos, com altos e baixos e vários tipos de variações. Além da noção de processo, o conceito de Configuração também é uma ferramenta sociológica.

Segundo Quintaneiro (2010), tanto o conceito de processo como o de configuração (ou figuração) são o pilar da abordagem elaborada por Elias. Foi uma forma do autor explicar os fenômenos sociais, em vez de partir de padrões estáticos, pela perspectiva da

mobilidade dos acontecimentos. Sem entender esses dois conceitos, o leitor interessado corre o risco de pouco compreender a obra do sociólogo alemão.

Com o propósito de explicar as relações sociais além dos antagonismos como indivíduo/sociedade, Elias mostra que figuração pode ser a mais simples das associações, como uma família ou uma sala de aula, até grupos mais complexos como o Estado ou a união de Estados em um continente. Ao analisar essas figurações, o autor procura pela ligação, o elo constituído nas interdependência entre pessoas. Então, ao propor uma leitura figuracional, Elias pretende descobrir os sentidos, a estrutura, as formas de viver de cada grupo que pretende analisar.

A abordagem sociológica e interdisciplinar de Elias procura entender como são os indivíduos que compõe uma figuração específica, como estabelecem relações uns com os outros, como vivem e morrem.

O conceito de figuração distingue-se de muitos outros conceitos teóricos da sociologia por incluir expressamente os seres humanos em sua formação. Contrasta portanto decididamente com um tipo amplamente dominante de formação de conceitos que se desenvolve sobretudo na investigação de objetos sem vida, portanto no campo da física e da filosofia para ela orientada. Há figurações de estrelas, assim como plantas e de animais. Mas apenas os seres humanos formão figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (ELIAS, 2006, p.25).

Para Elias os seres humanos em suas relações de interdependência formam o núcleo das figurações. O conceito de figuração serve então como um instrumento conceitual que se distancia por completo da ideia que pessoa e sociedade são coisas distintas, separadas e estáticas. O que aparece na abordagem figuracional é um tratamento das formas de relação, dos significados que as estruturas apresentam em cada configuração diferente e no papel na formação das subjetividades.

Contudo, as relações que as pessoas estabelecem umas com as outras não foram planejadas por elas mesmas. Uma imagem que se pode montar com essa ideia é a de um círculo em espiral, onde não é possível identificar o início, mas há um movimento circular progressivo impulsionado pelas relações de interdependência.

A perspectiva figuracional de Elias, ao propor que as relações sociais passem a ser analisadas como relações de interdependência entre indivíduos, sugere outra leitura para o

problema da autonomia do indivíduo (SMITH ,2001). Pois pode ser um engano entender que os indivíduos são, ou podem ser, pessoas totalmente autônomas. Pensando nisso, Elias desenvolveu em seus estudos uma crítica à concepção do indivíduo isolado. Somos, produzimos e pensamos a partir das relações que fazemos parte e estabelecemos com os outros.

Segundo Dunning & Hughes (2013), o conceito de configuração nos auxilia a compreender as estruturas flexíveis de pessoas mutuamente orientadas e interdependentes que vivem juntas em determinada situação. Esse conceito foi elaborado por Elias justamente para demonstrar de maneira mais clara aquilo que chamamos de sociedade e suas redes de conexões, deixando assim de lado antigas concepções sociológicas e filosóficas que esquecem o aspecto relacional das pessoas vivendo em sociedade.

De todo modo, a teoria dos processos e a teoria figuracional, como teorias que se suplementam, não são propostas que oferecem leis gerais e modelos estáticos, mas sim são um conjunto analítico de exame de configurações e suas características únicas e variáveis. Para Elias, a sociologia processual e figuracional traz um maior detalhamento acerca de inúmeros acontecimentos históricos e suas respectivas estruturas sociais e de personalidade (MENNELL, 1992).

Com esses modelos de análise com base em pesquisas empírica, Elias passa a se preocupar com a forma como aprendemos e desenvolvemos o conhecimento científico. Como aparece, se desenvolve e ganha legitimidade uma ciência como a sociologia? Discutiremos esse ponto a seguir.

As ciências sociais e o conhecimento: a perspectiva de Elias

Ao colocar os processos e figurações como acontecimentos históricos e sociais que surgem nas relações de interdependência entre pessoas, não seria de imaginar outro pensamento para entender o conhecimento humano, um dos temas mais importantes que Elias trabalhou dos anos de 1960 até sua morte, principalmente em obras como *Was ist Soziologie?*, *Engagement und Distanzierung*, *Über die Zeit* e *The Symbol Theory*, sem contar os artigos e textos publicados.

É lícito apontar que a *Sociologia do Conhecimento* proposta por Elias apresenta uma forte influência de pontos já apresentados pela primeira geração de sociólogos como Weber; e da geração seguinte, principalmente Karl Mannheim.

Mannheim foi um dos responsáveis pela introdução da sociologia do conhecimento como disciplina científica. Esse autor traz o materialismo histórico do marxismo, afirmando que o conhecimento é histórico e social, bem como tem estreita ligação com certas condições do ser social, especialmente, das classes sociais (KILMINSTER, 2007). Em seu principal livro *Ideologia e Utopia*, discute o conceito sociológico do *Pensamento* numa perspectiva histórica. A proposta de sua análise era elaborar um método sociológico para compreender como os indivíduos pensam na vida pública e na política.

Mannheim (1972) entende que os modos de pensamento não serão suficientemente compreendidos enquanto permanecerem obscuras as suas origens históricas e sociais. Com isso, seu estudo consiste em analisar de que modo a vida intelectual em um determinado momento histórico está relacionada com as forças sociais existentes. Ou seja, a Sociologia do Conhecimento objetiva uma compreensão das relações entre a vida social e o pensamento.

Elias concorda com Mannheim; ou melhor, concorda em parte com a teoria proposta pelo seu principal mentor. A sociologia do conhecimento de Mannheim seria para Elias uma análise que mostra apenas o que é ideologia e o que não é ideologia (ELIAS, 2001). Até aí tudo bem, mas Elias propõe, por sua vez, uma nova interpretação da Sociologia do Conhecimento para a sociedade contemporânea. E nesse aspecto, sua preocupação central é que na sociedade contemporânea é difícil superar o sentimento de encarar os seres humanos apenas como objetos totalmente autônomos. Para Elias (2008) estas percepções vêm sendo reforçados por conceitos correntes na linguagem filosófica desde meados do século dezoito e veio ganhando força até a constituição e desenvolvimento das ciências sociais.

A perspectiva processual de Elias aborda o conhecimento de duas formas. Uma é questionando as bases filosóficas do saber e a outra é focada nos estudos na maneira pela qual se desenvolve o conhecimento humano. O sociólogo alemão quer demonstrar uma perspectiva mais ampla do modo pelo qual utilizamos e construímos nosso próprio saber bem como suas aplicações e implicações no cotidiano.

Para Elias, o conhecimento é uma forma de orientação na sociedade produzida por pessoas interligadas. Diante disso, o autor elaborou uma perspectiva sociológica acerca dos saberes humanos que tivesse em vista as orientações e as emoções envolvidas nesse mesmo processo.

Elias (2001) entende o conhecimento como o fundo de diversas representações simbólicas que as sociedades desenvolvem ao longo das gerações. Esse conhecimento fica disponível durante um tempo e pode ser modificado no decorrer das épocas. Esse fundo desempenha uma série de funções sociais e serve como orientação para os membros da sociedade, seja para orientar acerca da situação em que se encontram ou sobre si mesmos.

Elias propõe essa análise a partir de uma crítica da filosofia do conhecimento e da ciência. É uma crítica às análises que levam em consideração as propostas monistas do conhecimento e as categorias *a priori* de conhecimento. Para o sociólogo alemão, esses aspectos reforçam análises de curto prazo, focadas no presente e na forma de conhecimento científicos atuais, como se a ciência fosse a mesma desde sempre ou fosse produto de mentes mais “preparadas”.

De fato, o sociólogo alemão não está muito interessado no antagonismo ciência/senso comum, mas sim em entender como surgiu essa diferenciação entre o que pode ser chamado de ciência e aquilo que não pode. Pois ambas as formas de conhecimento não oferecem verdades eternas, mas sim maneiras de se orientar no mundo, seja por um saber mais organizado e metódico ou não.

Esse acúmulo de conhecimento, proveniente de anos e anos de observações, permite o avanço dos saberes em sua forma científica, tal como conhecemos hoje. E se compararmos com períodos anteriores, vivemos sempre uma inacabada fase de avanço e expansão do conhecimento humano, expansão que é vagarosa e imprevisível, como também cumulativa e continuamente em movimento. Podemos considerar o conhecimento como um *continuum* dentro de uma extensa variação de equilíbrios entre as representações da experiência de si como também da auto-imagem dos grupos, ou podemos também ver o conhecimento como um acúmulo de fantasias emotivas (ELIAS, 2008).

No que diz respeito às fantasias emotivas e sua relação com as formas de conhecimento, até mesmo as formas científicas, Elias (1956) esclarece que ainda é difícil para os indivíduos estabelecerem um certo controle das emoções em relação ao conhecimento dos processos de mudança social. Sensações de vulnerabilidade e insegurança podem atrapalhar as pessoas enxergarem o curso dos eventos de uma maneira mais calma e distanciada. Daí a dificuldade, segundo Elias, das ciências sociais e dos seus cientistas se distanciarem dos seus objetos de estudo. Afinal, como o próprio Elias lembra, os “objetos” das ciências sociais também dizem respeito a “sujeitos” (ELIAS, 1956, p.234).

A fantasia e a imaginação sempre tiveram muita influência na forma como elaboramos os nossos conhecimentos. Elias observa que essa situação ajudou na sobrevivência de muitos grupos. O conhecimento mítico, por exemplo, auxiliou a recheiar o vazio da falta de sentido e explicação para alguns fenômenos da natureza. A experiência era explicada em termos de mito, não em termos “racionais”. Os indivíduos imaginavam e fantasiavam as causas de inúmeros eventos, como diz Elias:

O conhecimento de que um dragão que cuspia fogo estava no interior da montanha ou de que a forja de um demônio estava aí localizada permitia-lhes tomar as ações apropriadas para apaziguar este espírito. A consciência do facto de que eles não possuíam e não podiam possuir um conhecimento mais congruente com a realidade sobre a natureza do vulcão seria equivalente a uma confissão da sua própria incapacidade em influenciar o curso dos acontecimentos. O mito dirigia a sua acção (ELIAS, 1994, p. 74).

Ou seja:

Os símbolos das fantasias são, muitas vezes, concebidos como irracionais e não pertencentes ao intelecto. No entanto, nos factos reais, a capacidade humana de imaginar coisas que não existem e acontecimentos que não ocorrem, e de comunicar sobre eles através de símbolos apropriados, encontra, na melhor das hipóteses, apenas traços residuais de uma equivalência no mundo animal. Ela é não só o pai e a mãe da arte, foi também e ainda é indispensável para a sobrevivência da humanidade desde que emergiu uma espécie biologicamente equipada em termos de orientação e de comunicação através do conhecimento aprendido. Os seus membros teriam desaparecido num mundo que, em grande parte, não conheciam e não podiam conhecer sem a capacidade de estabelecer um conhecimento imaginário e de comunicar sobre ele. Eles preencheram as lacunas do seu conhecimento congruente com a realidade através de um conhecimento baseado na fantasia (ELIAS, 1994, p.73).

Para Elias o nosso conhecimento de hoje é advindo de séculos de acúmulos de observações e pesquisas. Ambos os conhecimentos, baseados na realidade e na fantasia, existem de maneira complementar, de modo que um saber mais congruente se realiza a partir de uma comparação da fantasia com a realidade.

O conhecimento tido como científico vai passar justamente por essa diferenciação do que é fantasia e do que é real. De uma observação cada vez mais voltada para o empírico e na elaboração de métodos para tais ações. Com isso em vista, Elias relembra algumas propostas de August Comte no que diz respeito ao que pode ser considerado como conhecimento científico.

Para Elias (2005) nenhum autor começa do nada mas sim onde outros passaram e no que diz respeito ao que é científico não existe uma progressão em linha reta. Nesse quesito o filósofo Comte foi um dos primeiros a trazer a tona o primado de como deve ser uma ciência que analisa os fenômenos sociais, ao sugerir a importância da conexão entre teoria e observação como modelo de todo trabalho científico.

Segundo Elias, Comte mostra que para analisarmos qualquer fenômeno necessitamos de uma teoria. Mas vale salientar, não se trata de apenas teoria pura ou então de apenas uma observação pura. O que Comte defende é uma investigação dos fenômenos sociais a partir da combinação entre o empírico e o teórico, a observação e a interpretação.

De modo geral, Comte criticou a filosofia anterior, a do século dezoito, cujo os principais representantes concluíam observações sem fatos empíricos. Mas acabou pagando o preço, lembra Elias, de ter sido esquecido justamente pelos seguidores dessa tradição filosófica. A crítica de Comte seria para uma filosofia especulativa.

Comte (1978) entendeu que os fenômenos sociais não podiam ser explicados apenas em termos de fins ou tomando algumas pessoas isoladas. Também sugeriu que a investigação científica da sociedade não deveria ser igual, ou do mesmo modo das ciências naturais (biologia e química).

Segundo Elias (2005), Comte sugeriu que o nosso pensamento e conhecimento passa por três fases: o pensamento teológico, metafísico, e o método positivo. Sendo esse último o mais atual das ciências modernas. No entanto, o conhecimento científico só foi possível, só foi concebido, naquilo que antes era pensamento teológico.

O pensamento e o conhecimento humanos podem encarar-se de dois modos, utilizando-se diferentes estruturas conceptuais. No primeiro, trata-se da concepção de pessoas individuais, cada uma das quais — por sua própria iniciativa e sem que a tal seja instigada — concebe a natureza como um mecanismo cego, automático, sem qualquer fim objectivo, mas funcionando no entanto de acordo com princípios teóricos. Se rejeitarmos estas concepção, como Comte rejeitou, e se considerarmos o conhecimento humano como o produto final de um processo de evolução que abarca centenas, talvez milhares de gerações, dificilmente poderemos saber como a procura de um conhecimento científico se relaciona com o conhecimento pré-científico. Comte tentou estabelecer uma tipologia classificatória dos estados do desenvolvimento da humanidade. Nela assinalou que primeiro reflectimos sobre a natureza inanimada, depois sobre a natureza animada e, finalmente, sobre as sociedades. A nossa reflexão foi primeiramente baseada em especulações, na busca de respostas absolutas, concludentes e dogmáticas para todas as interrogações, com o desejo de explicar todos os acontecimentos emocionalmente significativos em termos de acções, objectivos e fins de certas entidades criadoras, sempre consideradas como pessoas. Durante a fase metafísica, as explicações em termos

de criadores Personificados são substituídas por explicações que tomam a forma de abstrações personificadas (ELIAS, 2005, p.41).

Para Comte (1978) o cientista deve ficar afastado do pensamento teológico e metafísico e assumir o método positivo. Sobre esse aspecto, a sociologia como ciência que naquele momento estava surgindo, deve ser uma ciência relativamente autônoma. Desse modo, observa Elias, Comte foi um dos percussores e deixou uma poderosa teoria da ciência, como também uma das bases do que viria a ser a sociologia.

Assim, Elias celebra vários pontos trazidos por Comte, mesmo não sendo fã do autor francês. De fato, o sociólogo alemão se interessa pelo pensamento de Comte de que a sociologia deve analisar os fenômenos sociais em uma interdependência, a partir de um conjunto teórico e por fatos empíricos, verificáveis.

Por isso, a sociologia do conhecimento de Elias critica uma filosofia da ciência que considera o conhecimento científico como forma de excelência, como conhecimento único e válido para toda orientação humana. Sobre isso podemos citar como exemplo as teorias Kantianas baseadas no conhecimento *a priori*. Sintetizando Kant podemos dizer que para esse filósofo os juízos *a priori* são a essência do pensamento. O conhecimento *a priori* é verdadeiro, enquanto os *a posteriori* são contingentes, podem acontecer ou não. Os juízos *a priori* são universais (KANT, 1990).

Elias critica esse pensamento Kantiano no sentido que tal pensamento seria apenas uma projeção reproduzida repetidamente nos meios científicos. A proposta de Kant apenas reforça as dicotomias imóveis como indivíduos/sociedade e racional/ irracional. Mas mesmo discordando do filósofo alemão, Elias reconhece a importância dessa teoria para o desenvolvimento do saber humano. Não se trata de criticar a ciência em nome do irracional, ou vice-versa. Mas sim de entender como funciona os processos históricos de produção do conhecimento e seu impacto nas nossas formas de entender os fenômenos do qual fizemos ou fazemos parte.

Um exemplo da leitura que Elias faz de Kant pode ser encontrado no texto *Sobre o tempo*. Aqui o sociólogo alemão comenta que o tempo não é um princípio *a priori*, como sugere Kant, mas sim uma construção social, proveniente de uma necessidade humana de se orientar, transformada em conhecimento uma geração após a outra. (ELIAS, 1992).

O conhecimento é uma narração do dia a dia, mesmo que as contingências não impeçam que ele sirva como orientação, ao contrário do que afirmou Kant sobre a

universalidade do conhecimento *a priori*. Assim, Elias sustenta que conhecimento compreenda seu próprio processo de desenvolvimento, que entenda as experiências do passado, sem a qual não existiria o atual estágio do conhecimento, um pouco na esteira do que Comte, e não Kant, havia sugerido.

Elias (1992) explica que as pessoas adquirem conhecimento dentro das configurações do qual fazem parte, como também sob determinadas condições e fatores conectados, tais como as capacidades inatas, o ambiente e o acúmulo de conhecimento das gerações anteriores. Então para entender o desenvolvimento dos processos de produção do conhecimento humano é necessário compreender as configurações e as estruturas sociais e de personalidade de determinado momento.

Por isso, o problema apontado por Elias não é o fato de Kant, assim como Descartes e outros importantes filósofos, desenvolverem conceitos acerca do conhecimento humano e da razão. O problema é que esses filósofos já compartilhavam um fundo social de conhecimento acumulado, suas especulações não surgiram do nada, elas fazem parte de um conjunto de conceitos que, de certa forma, já estavam à disposição e foram desenvolvidos ao longo de gerações. Eles não sentaram em uma cadeira e tiveram suas ideias em um piscar de olhos, como vindas do além. Mas é a partir desses pensadores, que a perspectiva do conhecimento começou a romper barreiras estabelecidas pelo domínio de dogmas religiosos e cada vez mais foi se afastando do pensamento fantasioso.

Então: não se trata de descartar as filosofias de nomes como Kant ou Descartes, mas sim entendê-las como pertencentes a um contexto específico, em que foi necessário e possível um conhecimento como esse. As ideias não surgem do vazio, elas sempre vêm de algum lugar, de uma estrutura social que permite o pensamento e o desenvolvimento dessas ideias.

Assim, Elias (2005) observa que a tradição filosófica e científica foi cada vez mais para o viés da separação e especialização em áreas cada vez mais distintas. Com isso, podemos apontar pelo menos três níveis de especialização na modernidade: social, biológico e físico. Essa crescente especialização criou e ampliou as *ciências sociais*. Comte, Marx, Durkheim, Weber entre outros, apesar de muitas diferenças, são produtos desse mesmo processo histórico.

Ao considerar esse ponto, Elias entende que a crescente interdependência funcional entre pessoas torna-se cada vez mais necessário o exame das singularidades dos processos sociais do conhecimento. Embora o conhecimento científico contribua para o

desenvolvimento geral, existem particularidades próprias de cada período e sociedade que devem ser levadas em conta. Para o sociólogo alemão é necessário analisar as configurações e a composição relacional de suas partes.

Como observa Kilminster (2007) trata-se de observar uma transição em movimento, passar das leis gerais para teorias processuais e figuracionais. Essas leis gerais são representadas por teorias estáticas que apresentam os seres humanos, tempo e espaço como imutáveis. As teorias processuais, figuracionais e, podemos também dizer, relacionais, apresentam os seres humanos como em constante movimento, apesar de estarem presos em estruturas sociais que variam conforme varia também as relações de interdependência entre as pessoas.

Se pensarmos na atual maneira de abordar o desenvolvimento do conhecimento humano acerca da natureza, veremos que são análises que muitas vezes são resumidas em períodos de pequena duração, isso impede uma compreensão sobre as estruturas processuais, que exigem uma perspectiva de longo prazo. Para Elias (2007) é mais interessante falar dos processos históricos de produção do conhecimento humano em termos plurais, principalmente refletindo sobre o entrelaçamento de várias formas de conhecimento.

Segundo o sociólogo alemão existe um problema no que refere à produção de conhecimento, que colabora para uma percepção de que cada tipo de saber é isolado, antagônico em relação a outro saber. O que em primeiro plano é até compreensível, pois cada área de conhecimento preocupa-se com a delimitação de seu objeto e conseqüentemente com a própria autonomia enquanto campo de saber. Desse modo, esses saberes evitam uma abrangência dos seus problemas de pesquisa e acabam gerando incompatibilidades.

Elias considera esse fator. E mais: propõe uma leitura de processo histórico e social de produção de diversos saberes. Com isso, lembra que o conhecimento humano é o fruto de um longo processo de aprendizagem da humanidade, onde não é possível determinar o começo (BURKE, 2012). Cada indivíduo, não importa qual seja sua valiosa contribuição científica, parte de um fundo de conhecimento já existente e acrescenta a ele novos conhecimentos, incentivando-o.

Para Elias (2007) a crescente diferenciação das várias áreas do conhecimento não é apenas um indicador de que os saberes científicos são aqueles que, até o momento, nos oferecem as melhores formas de se entender os fenômenos naturais e sociais. Mas também

pode ser compreendida como um fato de que o do conhecimento humano comporta vários tipos de saberes, e o científico é apenas um entre outros.

Contudo, uma consequência um pouco danosa para a trajetória do conhecimento refere-se ao fato de que uma mentalidade científica da crescente diferenciação das áreas de conhecimento pode dificultar a produção de pesquisas interdisciplinares. Pois se os limites de cada saber forem apenas sustentados pela especificidade de seu objeto, como se este fosse isolado das mais variadas influências, a tendência é determinado saber pouco contribuir para entendimentos mais amplos sobre determinado fenômeno (ELIAS, 2008).

Contudo, não se trata de fazer pesquisas englobantes demais, de querer abraçar todo o mundo e deixar os estudos vagos ou muito confusos. Pois é necessário delimitar o objeto de pesquisa para que se possa ter com mais clareza os problemas a serem investigados. Elias sabe disso e para o autor é importante o diálogo entre as áreas de conhecimento mas sem desfigura-las nas telas do relativismo.

Já nos últimos anos de sua vida, pensando em trazer mais uma perspectiva para se compreender os processos de produção de conhecimento, Elias sugeriu um complexo diálogo entre ciências sociais e ciências biológicas, argumentado que existe um componente biológico nos seres humanos que permite a aprendizagem, o armazenamento e reprodução de experiências, sem contar na transmissão de tais experiências de geração em geração. Para o autor os seres humanos têm a capacidade de controlar o comportamento de acordo com o conhecimento que possuem, mesmo de ordem científica ou mítica. Essa capacidade é adquirida individualmente por aprendizagem, acumulada e transmitida ao longo das gerações.

Ou seja, conhecimento humano é aprendido através dos outros. Elias sugere que uma ciência como a sociologia faz parte de um processo histórico sem começo, não planejado ou estruturado, cuja ordem e a respectiva direção na sequência de sua mudança pode ser estudada, descrita e elucidada a partir de uma perspectiva de longo prazo. Não se trata de dizer a data de nascimento da sociologia, nem descrever seu desenvolvimento como se fosse uma linha reta perfeita. Mas sim compreender o desenvolvimento desse tipo de saber a partir dos processos sociais e históricos de longo prazo e as condições de possibilidade da sociologia enquanto ciência. Trataremos desse ponto a seguir.

Processos históricos de produção de conhecimento e a constituição das ciências sociais em Elias

Como vimos anteriormente, Elias considera pouco eficaz a compreensão dos aspectos sociais do conhecimento a partir de dicotomias como sociedade/indivíduo, natureza/cultura, entre tantas, como também os modelos estáticos de análise, os modelos mecanicistas advindos das ciências físicas. Para o sociólogo alemão, o modelo mecanicista mantém ilusões como a leitura de que os seres humanos são coisas isoladas, ou ilusões de um determinismo e uma causalidade unilinear. De toda forma, esse não é um pensamento totalmente novo, pois é possível achá-lo em Nietzsche, influência velada de Elias (HOLZER et al, 2010).

Ao pensar no fundamento das manifestações das atividades humanas, Nietzsche recusa os modelos mecanicistas. Pois para o filósofo alemão, existência e representação não seguem caminhos diferentes. Segundo o autor, nossas sensações, nosso querer e nosso intelecto dependem dos nossos juízos de valor, e esses juízos correspondem a nossos instintos e a condição de existência deles (NIETZSCHE, 2008). A compreensão de Nietzsche do conhecimento humano está muito afastada de um modelo mecanicista, visto que esse é um mundo para ser visto por “dentro” e não de fora. E para o autor, o que importa são as relações de força entre vários elementos, as lutas de poder, a intensidade dessas forças em relações diversas, que pode ser entre grupos ou pessoas.

A forma dessas relações dependerá do nível de forças presentes. Desse modo, o acontecimento de vários fenômenos não demonstra uma lei única, que serve para todas as explicações, mas sim uma relação de forças entre duas ou mais forças (NIETZSCHE, 2008). Nietzsche não está interessado em saber se um conhecimento é verdadeiro ou falso. Para o filósofo o importante não é a verdade, mas a força de determinado conhecimento. A análise do conhecimento, proposta por Nietzsche, se preocupa em explicar se esse conhecimento é uma expressão de um excesso ou de uma indigência vital, de uma negação ou afirmação da vida (MACHADO, 1984). A serviço de quem está determinado conhecimento? A serviço de que tipo de vida se coloca o conhecimento? Ao formular nossas teorias, não estaríamos apenas isolando algumas perspectivas de um movimento sempre contínuo?

Basta considerar a ciência como humanização das coisas tão fiel quanto possível; aprendemos a nos descrever a nós mesmos cada vez mais exatamente, descrevendo as coisas e sua sucessão. Causa e efeito: trata-se de uma dualidade que decerto nunca provavelmente existirá – na realidade, temos diante de nós uma continuidade que isolamos algumas partes; do mesmo modo que nunca percebemos um movimento senão como uma série de pontos, isolado; na realidade, não o vemos, portanto, nós o deduzimos (Nietzsche, 2017, parágrafo 112).

Tal como Nietzsche, Elias está interessado na relação entre natureza e cultura e não na sua oposição. Essa perspectiva relacional e figuracional foi pensada para esclarecer o processo de desenvolvimento do conhecimento humano. O sociólogo alemão utiliza a relação entre cultura e natureza de forma a demonstrar que o conhecimento humano é advindo da relação funcional que se desenvolve ao longo de milênios. É um processo que deixa marcas no corpo, daí uma semelhança com a percepção de Nietzsche.

Contudo, Elias vai mais longe que Nietzsche. Enquanto que o filósofo alemão estaria preocupado em propor um instrumento conceitual para uma crítica radical dos valores da sociedade moderna; Elias, por sua vez, quer propor um método científico para compreender os processos históricos e sociais de produção do conhecimento, seja ele científico ou não.

Nietzsche se contentou em atacar as narrativas acadêmicas ascéticas e as evocações estéticas de um passado sempre considerado belo, ou seja, o filósofo alemão criticava a preocupação das ciências com a “verdade” do passado. Mas nesse quesito, Nietzsche propõe uma análise e ensaios em resposta ao “homem decadente” que ele enxergava na passagem do século dezenove. Não existe sugestão de uma sociologia nesse filósofo. Há mais interesses nos tipos psicológicos do que propriamente em uma análise sociológica ou histórica da sociedade.

O que Elias pode ter considerado de Nietzsche foi a percepção histórica e a visão da sociedade proposta pelo filósofo do martelo. O sociólogo alemão propõe um método de análise do nosso conhecimento e, ao mesmo tempo, sugere uma leitura diferente das análises metafísicas ou historicistas, pois considera essas insuficientes para entender os jogos de força e poder que perpassam determinadas realidades e configurações.

Com isso Elias entende que a passagem de conhecimentos de gerações em gerações é oriunda de uma capacidade humana de produzir, mudar e transmitir esses conhecimentos. É uma capacidade que é possível devido a um aparato biológico inato nos seres humanos. Assim, Elias analisa a relação entre cultura e natureza mas considerando as diferenças

fundamentais. Existe em nós a capacidade inata e ela só pode ser desenvolvida no meio social. Nosso potencial de comunicação e linguagem é um potencial que só pode ser aprendido e ativado por um processo de aprendizagem individual (ELIAS, 1994).

Nesse ponto, Elias sugere que a obtenção da linguagem é um longo processo de entrelaçamento entre dois processos diferentes, o cultural e o biológico. Pois os indivíduos não podem se orientar em seu mundo social sem uma linguagem. Com esses processos, que são em certa medida inseparáveis, vemos cada vez o crescimento do conhecimento congruente com a realidade e mais distantes das fantasias. Mas isso não é tudo.

Segundo Elias, as pessoas elaboram seu conhecimento conforme seus questionamentos e problemas em lidar com aquilo que elas não conhecem. Tal atitude é uma maneira de se orientar no meio social. O desconhecido precisa mudar de estatuto e passar a ser conhecido; e caso isso não ocorra pode acarretar angústias. De todo modo, os seres humanos são dotados de capacidade biológica de síntese que permite acumular e expandir o conhecimento. Essa capacidade de síntese é ativada por meio das experiências e da convivência entre os indivíduos em relações de interdependência. Sem a convivência e o acúmulo de experiências, nossa capacidade de síntese e aprendizagem permaneceria estagnada.

Ocasionalmente, a cultura combate a natureza e a natureza combate a sociedade, mas pode ser útil lembrar de novo que as características individuais básicas da natureza humana se desenvolvem apenas através da vida em conjunto com outros, através da vida em sociedade. A concatenação de um processo biológico, de um processo social e de um processo individual, que é a condição para a capacidade humana de falar, é um exemplo manifesto do entrelaçamento de um processo biológico, de um processo social e de um processo individual num dos pontos de viragem de uma vida humana (ELIAS, 1994, p. 128).

Ao pensar na capacidade de síntese e produção de conhecimento, Elias comenta que a tradição científica e filosófica apresenta o conhecimento congruente com a realidade e o conhecimento baseado em fantasias como sendo antagônicos, mas se olharmos os processos históricos de produção do conhecimento em seu contexto de desenvolvimento, perceberemos as proximidades entre essas duas formas de saber. Elias demonstra que são amostras de uma mesma etapa evolutiva. Os indivíduos têm a capacidade de regular o comportamento de acordo com o conhecimento da fantasia, que não é inato e que se adquire individualmente por aprendizagem.

Daí a sugestão do autor de uma sociologia do conhecimento e de uma teoria simbólica que analisa e explica as mudanças de uma situação histórica e social de predomínio das fantasias para uma de maior congruência com a realidade. Pois os símbolos mudam de uma sociedade para outra. As línguas não são sempre as mesmas, bem como os conceitos têm seu significado modificado e diversificado no decorrer dos anos e dos tipos de configuração que as pessoas formam e que ao mesmo tempo fazem parte. Para o autor, os processos de produção de conhecimento sempre estarão ligados as formações sociais (ELIAS, 1994).

Elias mostra que existe uma historicidade da capacidade de simbolização dos seres humanos. Isso junto ao fato da prevalência de uma perspectiva de longo prazo acerca da transformação das coerções externas em coerções internas. Desse modo, a forma como adquirimos o conhecimento é um processo que não tem propriamente um começo, meio e, até agora, um fim.

O que Elias pretende explicar com análise do conhecimento, que é mais visível nas suas últimas obras, é a base de uma teoria que não é dogmática, mas é empírica; que examina os processos sociais e o desenvolvimento social (KILMINSTER, 2007). Um pensamento acerca das dinâmicas de longo prazo das sociedades. É como se fosse uma lente de aumento para observar lógicas sociais que encontramos em toda parte. O interesse do sociólogo alemão é utilizar os processos históricos como suporte para a elaboração de modelos de transformações que podem receber outra leitura, conforme surjam outras perspectivas ou novos materiais de análise.

Para o autor a singularidade de determinado fenômeno também pode ser explicado a partir de uma compreensão da ordem das divisões ou aumento de funções, estreitamento ou ampliação das interconexões e reforço do autocontrole enquanto prática cotidiana. A interiorização das coerções e a redução dos afetos na determinação das condutas aumentam as possibilidades de distanciamento, situação essa que depende a constituição e produção do pensamento científico. Segundo o autor, a gênese da racionalidade crescente e a liberação ao mesmo tempo das coerções, que até pouco tempo eram pouco controláveis, representa uma longa e complicada evolução, um processo (ELIAS, 2005).

Sobre esse ponto, não é de estranhar a crítica que Elias dirige a boa parte da filosofia do conhecimento e das ciências. Pois segundo o autor, um dos principais problemas da epistemologia moderna é: como um indivíduo pode saber quando seu conhecimento sobre o mundo “lá fora” é organizado por constantes envolvimento pessoais nesse mesmo

conhecimento? Para o sociólogo, desde o século dezoito a filosofia elaborou um conjunto de teorias sem a devida observação dos fenômenos. Reduzindo-se apenas a uma “teoria da teoria”. De todo modo, Elias não considerou a filosofia como um procedimento errado, mas percebeu que muita coisa se perdia na observação do cotidiano apenas desse modo.

Para Elias (1956), essa forma de analisar o dia a dia acabou gerando uma tradição que enxerga os fatos de forma egocêntrica, ou seja, a partir das vontades e crenças daquele que observa determinados fenômenos. O autor nota que esse acontecimento também podia ser observado nas ciências da natureza. Contudo, no decorrer da modernidade, com o nascimento da biologia, química e física, cada vez mais os indivíduos foram se afastando do pensamento mágico-mítico e se voltando para um pensamento mais organizado e ligado a observações menos apaixonadas.

Visto a partir desse prisma, as ciências sociais vão surgir em um momento em que as análises sobre os indivíduos e a sociedade começam a pedir um método científico distante do pensamento mágico- mítico. Seguindo um processo histórico em que os saberes começam a se diferenciar e tornam-se especialidades, um saber como a sociologia ganha o contorno de ciência em um momento de aquisição de conhecimento em longo prazo.

Para Elias, o avanço do conhecimento em sua forma mais científica, são uma parte da fase de expansão do conhecimento humano. Essa expansão é lenta e errática mas cumulativa e sempre em movimento. As ciências sociais fazem parte desse processo intermitente e mostram que o saber humano é volúvel, inconstante e passível de mudanças. Ao mesmo tempo, esse tipo de saber ainda envolve uma aproximação muito forte entre observador e objeto (BURKE, 2012).

A aproximação do cientista com seu objeto de estudo e a constante confusão entre o que é uma análise científica e o que é representação ou projeção das próprias ideias da época, é um interesse de Elias. Qual seria então o objeto de estudo das ciências sociais segundo esse autor?

Elias esclarece que o objeto da sociologia não é apenas a “sociedade” mas sim as configurações de indivíduos interligados em determinado momento ou situação. Para o sociólogo alemão, a tradição sociológica se fez a partir de explicações das ciências naturais ou da filosofia clássica. Mas em que medida a sociologia se afasta desse conhecimento? A partir do momento em que se analisa os vários aspectos das ações de pessoas interconectadas e as formas dessas interconexões, das diversas estruturas da sociedade.

Segundo Elias (2005), muitos sociólogos se mantêm presos nas teias das ciências naturais ou de uma filosofia metafísica. Visto desse ponto, é como se o conhecimento assumisse uma visão de curto de prazo em relação aos seus objetos de estudo. As dinâmicas específicas de longo prazo da consciência e de seus vários níveis acabam sendo deixadas de lado. Conforme mostra o sociólogo alemão, podemos levar em consideração que o conhecimento é um continuum dentro de um ampla variação de equilíbrios entre diversas representações da experiência de si e da auto-imagem dos grupos (ELIAS, 2008).

Com isso, é comum que o conhecimento também possa ser um conteúdo alto de envolvimento pessoal e fantasias emotivas. Saberes que apenas refletem algum aspecto da auto-imagem dos grupos que produzem o conhecimento. Esses aspectos tendem a ser abandonados, mas de diferentes formas e graus, visto que o pensamento sobre a sociedade ainda é bastante instável. E para Elias as ciências sociais analisam, com envolvimento pessoal ou não, o que os indivíduos significam para eles mesmos em inúmeras circunstâncias históricas e sociais.

Desse modo, podem até existir alguns momentos de ruptura entre as épocas históricas. No entanto, é mais interessante falar em continuidades entre épocas, entre saberes que persistem, se transformam em certas práticas que permanecem ou não (a partir da relação entre pessoas). Daí a importância da noção de configuração, que é a ligação de interdependência entre pessoas, grupos, coisas. Desse modo, para Elias, é necessário compreender que tipos de configurações, formas específicas de saber, estão inseridas para assim analisar melhor as maneiras pelas quais alguns saberes atuais desaparecem ou mudam de configuração. Visto que os processos históricos e sociais de produção de conhecimento não seguem uma linha reta, mas isso não significa dizer que eles não tenham ligação, uma certa continuidade em um processo.

Segundo Koyré (1957), nem sempre o valor técnico de uma teoria é fundamental para seu sucesso na história das ciências, pois sempre existirá vários fatores externos e internos na aceitação e rejeição de uma teoria. Então, Koyre argumenta que pode existir certos elementos comuns entre as épocas epistemológicas, ou seja, alguns saberes mais recentes podem combinar aquilo que tinha sido esquecido ou até mesmo rejeitado anteriormente. Assim, seria possível admitir uma visão mais heterogênea entre as épocas, visto que um determinado momento histórico tem a capacidade de articular elementos prévios ou simplesmente excluídos. Considerando esse ponto, a pesquisa de Elias vai propor uma sociologia do conhecimento que considere os processos históricos, as

configurações onde os saberes são formulados, aceitos e rejeitados, e as relações de interdependência entre indivíduos e grupos.

Nesse quesito, ao analisar a formação de saberes entre as épocas, Foucault (1999) já afirmava que as ciências humanas tem como proposta examinar os significados do “homem” para si mesmo. As ciências que nasciam na episteme moderna, a economia, a filologia e a biologia, analisam o trabalho, a linguagem e a vida em si mesmos e não o que representam para os indivíduos; desse modo não é possível existir, por exemplo, uma biologia da biologia. Mas saberes como a sociologia e a psicologia investigam as maneiras dadas de uma significação em seus próprios processos e atividades. Desse modo, esses saberes são constantemente autocríticos, pois na medida em que analisam um conjunto de significações associadas aos indivíduos na mesma hora mostram-no como superfície de algum sentido mais elementar ou “profundo”. Como se essas ciências fossem desmistificadoras da consciência humana. Seriam então as ciências sociais uma espécie de auto-ilusão?

Sim e Não, provavelmente diria Elias. *Sim*, se consideramos a produção científica como produto das próprias crenças, valores e vontades do cientista. Nesse caso, várias teorias sobre os indivíduos e o mundo social correrão um sério risco de serem apenas uma projeção de suas próprias visões de mundo. É *Não* se considerarmos a produção científica como um resultado da observação dos indivíduos e do mundo social, independente da vontade e dos valores do cientista. Aqui Elias lembra das sugestões de Max Weber. Não se trata do cientista abandonar seus valores, mas o problema pode ser aplicar seus valores nas análises dos fenômenos sociais. É bem verdade que uma linha tênue separa essas ações (valores pessoais/observação científica) no trabalho do sociólogo, mas como lembra Elias, se afastar de vez em quando das próprias crenças tem sua importância.

Por isso a aquisição do conhecimento é um processo que supera a duração de uma vida e a capacidade de descobertas dos indivíduos, diz Elias (2008). O equilíbrio de poder entre objetos e os indivíduos portadores de conhecimento pode variar nas experiências individuais. Essas variações fazem toda a diferença em relação ao caráter e as formas de conhecimento que dispomos. Assim, o conhecimento se desenvolve ao longo das gerações e é passado para os outros na medida em que se desenvolve e ganha força em sua sociedade.

Elias sugere uma leitura mais processual e configuracional dos fenômenos históricos e sociais, e isso não é diferente ao tratar sobre o conhecimento científico. Ou seja, mesmo não concordando com muitas teorias sociológicas e filosóficas da ciência e

do conhecimento, o teórico alemão não joga fora o método do qual propõe como leitura dos processos de formação dos saberes científicos a partir das configurações em que estão inseridos. Mesmo o conhecimento sendo também um fruto de uma época, não significa que ele não tenha um valor de uso.

Podemos então apresentar alguns resultados possíveis para o nosso estudo da constituição das ciências sociais segundo Elias. Primeiramente, a) as ciências sociais fazem parte de um intermitente processo que se sucedeu na modernidade a partir da necessidade de analisar os indivíduos e a sociedade mediante um método científico diferente dos outros saberes produzidos até então. b) essas ciências fazem uma análise do que os indivíduos significam para eles mesmos em determinadas circunstâncias históricas e sociais. c) apesar de se considerarem científicas, essa forma de conhecimento precisa continuamente se questionar enquanto sua metodologia e prática, sob o risco de virarem apenas uma auto-ilusão. d) As ciências sociais aparecem a partir de um entrelaçado entre saberes (ciências naturais e filosofia) em uma época em que os indivíduos tornaram alvo do conhecimento.

Considerações finais

O conjunto da obra de Elias proporciona possibilidades de análise e lança perspectivas sobre vários temas: Arte, esportes, formação do Estado, violência, morte etc. Porém todos preparados e guiados pela abordagem que leva em conta os conceitos de processo e figuração. E isso não seria diferente ao tentar compreender os processos históricos e sociais de produção do conhecimento.

A pesquisa de Elias apresenta um procedimento pautado na perspectiva de interdependência e transformação social. O autor afirma que os problemas sociológicos devem estar interligados a suposições teóricas sobre a natureza das mudanças na estrutura das sociedades humanas. Ao considerar a teoria dos processos e figurações o sociólogo alemão separa o material necessário para o preparo de modelos teóricos flexíveis, que reflitam acerca das singularidades históricas e sociais.

Assim, as ciências sociais surgem em uma sucessão de necessidades específicas de se compreender os indivíduos, seja isoladamente ou em grupo. O momento histórico e social em que esse tipo de saber aparece é bastante propício. Dificilmente teriam aparecido na antiguidade ou até mesmo na idade média. Para Elias é a soma, o conjunto, a relação e

balança entre diversos tipos de conhecimento em intermitentes processos de longa duração que propicia o aparecimento de uma ciência como a sociologia.

Para o autor o sinal de que o passado pode ser algo estranho para nós é uma sugestão que muita coisa mudou de uma época a outra, as estruturas das relações entre pessoas. Perceber esse processo como um percurso de longo prazo, apesar de intensas mudanças e rupturas, é um dos pontos que Elias nos oferece acerca do debate sobre a constituição do nosso conhecimento científico e da sociologia.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto; 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Science of Science and Reflexivity**. Cambridge: Polity, 2004.

BURKE, Peter. Norbert Elias and the social history of knowledge. **Human Figurations**, v. 1, n. 1, 2012.

CANGUILHEM, Georges. **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa: Edições 70, 1981.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ELIAS, Norbert. Problems of involvement and detachment. **The British Journal of Sociology**, v. 7, n. 3, p. 226-252, 1956.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert. **Time**: an essay. Oxford: Blackwell, 1992.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta, 1994.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaio**s. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Involvement and detachment**. Dublin: Dublin Press, 2007.

ELIAS, Norbert. Sociologia do conhecimento: novas perspectivas. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 3, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HEINICH, Nathalie. **A Sociologia de Norbert Elias**. Baurú: EDUSC, 2001.
- HOLZER, Angela et al (Eds.). **Zur Genealogie des Zivilisationsprozesses: Friedrich Nietzsche und Norbert Elias**. Walter de Gruyter. 2010.
- JOLY, Marc. **Devenir Norbert Elias**. Paris: Fayard, 2012.
- KANT, Immanuel. **Critique of Pure Reason**. London: Macmillan, 1990.
- KILMINSTER, Richard. **Norbert Elias: post-philosophical sociology**. London: Routledge, 2007.
- KOYRÉ, Alexandre. **From the Closed World to the Infinite Universe**. Baltimore, Baltimore 1957.
- KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: Chicago Press, 1962.
- LEDENT, David. **Norbert Elias. Vie, œuvres, concepts**. Paris: Ellipses, 2009.
- LATOUR, Bruno. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia – Introdução à Sociologia do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MENNELL, Stephen. **Norbert Elias: An introduction**. Oxford: Basil Blackwell, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- POPPER, Karl. **The Logic of Scientific Discovery**. London: Hutchinson, 1959.
- QUINTANEIRO, Tania. **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010
- SMITH, Dennis. **Norbert Elias and modern social theory**. Lodon: Sage, 2001.

